

Eu inventei a web. Aqui estão três coisas a mudar para a salvarmos

2017/04/10 - 5:54pm

Neste artigo, Tim Berners-Lee alerta para a perda de controlo dos dados pessoais que acabam por se virar contra os utilizadores através de campanhas personalizadas de desinformação.

A 12 de março completaram-se 28 anos desde que entreguei ^[1] a minha proposta original para a internet global. Imaginei a rede como uma plataforma aberta que permitiria a toda a gente, em todo o lado, partilhar informações, ter acesso a oportunidades e colaborar rompendo limites geográficos e culturais. De várias maneiras a internet cumpriu esta visão, embora tenha sido uma batalha recorrente para mantê-la aberta. Mas nos últimos doze meses, tornei-me cada vez mais preocupado com três novas tendências, que acredito devemos enfrentar para que a rede cumpra o seu verdadeiro potencial como uma ferramenta que serve toda a humanidade.

1) Perdemos o controlo dos nossos dados pessoais

O modelo atual de negócios de muitos sites oferece conteúdo grátis em troca de dados pessoais. Muitos de nós concordamos com isso ? embora frequentemente aceitando documentos com termos e condições (T&Cs) longos e confusos ? mas fundamentalmente não nos importamos que recolham algumas informações a nosso respeito em troca de serviços gratuitos. Mas há um truque que nos escapa. Como os nossos dados são então mantidos em grandes espaços de armazenamento privados, longe da nossa vista, perdemos os benefícios que poderíamos ter se tivéssemos controle direto sobre esses dados e escolhêssemos quando e com quem partilhá-los. Pior ainda, muitas vezes não temos como comunicar às empresas quais os dados que não gostaríamos de partilhar ? especialmente com terceiros ?, os T&Cs são tudo ou nada.

A recolha generalizada de dados pelas empresas tem também outros impactos. Através da colaboração ? ou da coação sobre ? essas empresas, alguns governos também estão a vigiar cada vez mais os nossos passos na rede e aprovando leis extremas [2] que destroem o nosso direito à privacidade. Em regimes repressivos, é fácil ver o mal que pode ser causado ? bloggers podem ser presos [3] ou assassinados, e opositores políticos podem ser vigiados. [4] Mas mesmo em países onde acreditamos que os governos são bem intencionados, vigiar toda a gente o tempo todo é simplesmente ir longe demais. Isso cria um efeito que amedronta a liberdade de expressão [5] e não permite que a rede seja usada como um espaço para explorar temas importantes tais como questões sensíveis de saúde, sexualidade e religião.

2) É demasiado fácil espalhar falsas informações na rede

Hoje em dia, a maioria das pessoas recebe notícias e informações na rede a partir de apenas um punhado de sites, [6] redes sociais e ferramentas de busca. Esses sites ganham mais dinheiro quando a gente clica nos links que eles nos mostram. E eles escolhem o que nos mostrar com base em algoritmos que aprendem a partir dos nossos dados pessoais, que estão a recolher constantemente. O resultado é que esses sites mostram-nos conteúdos que eles pensam que clicaremos ? o que significa que informação incorreta, ou falsas notícias, que são surpreendentes, chocantes ou feitas para apelar aos nossos preconceitos, podem alastrar como fogo. [7] E através do uso de dados científicos e exércitos de robôs [bots], pessoas com más intenções podem desvirtuar o sistema para espalhar desinformação para obter vantagens financeiras ou políticas.

3) A publicidade política online precisa de transparência e compreensão

A publicidade política online tornou-se rapidamente [8] uma indústria sofisticada. O facto da maioria das pessoas obter informações através de poucas plataformas e a crescente sofisticação de algoritmos desenhados a partir de valiosas bases de dados pessoais significa que as campanhas políticas estão agora a fazer anúncios políticos individuais tendo como alvo cada grupo de utilizadores. Uma fonte [9] indica que nas eleições norte-americanas de 2016 cerca de 50 mil variações de anúncios foram servidos a cada dia pelo Facebook, uma situação quase impossível de fiscalizar. E há indícios de que alguns anúncios políticos ? nos EUA e em todo o mundo ? estão a ser usados de modo nada ético, dirigindo os eleitores para sites de notícias falsas, por exemplo, ou tentando mantê-los afastados das urnas [10]. A publicidade segmentada possibilita que uma campanha política diga coisas completamente diferentes, possivelmente contraditórias, a grupos diferentes de pessoas. Será isto democrático?

Todos fomos necessários para construir a web que temos, e agora cabe-nos a nós construirmos a wem que queremos ? para toda a gente.

Esses problemas são complexos, e as soluções não serão simples. Mas alguns grandes passos para avançar já estão claros. Precisamos definir em conjunto com as empresas web um equilíbrio que coloque novamente nas mãos das pessoas um grau algum controlo sobre dados. Isso inclui o desenvolvimento de novas tecnologias [11] tais como ?nichos de dados? pessoais, se necessário, e explorar modelos alternativos de receita tais como assinaturas e micropagamentos. Temos de lutar contra os abusos governamentais em leis de vigilância, incluindo através dos tribunais

[12], se necessário. Temos de combater a desinformação pressionando os ?gatekeepers? como o Google e o Facebook a prosseguirem os seus esforços para combater o problema [13], e ao mesmo tempo evitar a criação de qualquer organismo central para decidir o que é ou não é ?verdade?. Precisamos de mais transparência nos algoritmos para percebermos como estão a ser tomadas decisões importantes que afetam as nossas vidas, e talvez um conjunto de princípios comuns [14] a ser seguidos. Precisamos urgentemente fechar o ?ponto cego da internet? [15] na regulação de campanhas políticas.

A nossa equipa na Web Foundation vai tratar de muitos desses temas que são parte da nossa estratégia quinquenal [16] ? investigando os problemas em maior detalhe, trazendo soluções políticas proativas e articulando alianças que conduzam a avanços em direção a uma web que dê poder e oportunidades iguais para todos.

Eu posso ter inventado a web, mas todos vocês ajudaram a fazer dela o que é hoje. Todos os blogs, posts, tweets, fotos, vídeos, programas, páginas web e muito mais representam os contributos de milhões em todo o mundo construindo a nossa comunidade online. Todo o tipo de pessoas têm ajudado, dos políticos que lutam para manter a internet aberta, organizações como a W3C [17] que promovem o poder [18], acessibilidade [19] e segurança [20] da tecnologia, e pessoas que saem à rua em protesto. No ano passado, vimos como os nigerianos enfrentaram uma lei das redes sociais [21] que teria destruído a liberdade de expressão online, os protestos populares contra os ?apagões? da internet nos Camarões [22], e grande apoio público à neutralidade da net tanto na Índia como na União Europeia.

Todos fomos necessários para construir a web que temos, e agora cabe-nos a nós construirmos a web que queremos ? para toda a gente.

Tim Berners-Lee foi o cientista que criou a World Wide Web. Fundador da World Wide Web Foundation, dirige o World Wide Web Consortium (W3C) e é investigador no Massachusetts Institute of Technology.

*Artigo publicado no Guardian [23] e traduzido por Inês Castilho para o portal Outras Palavras [24].
Revisto e adaptado por Luís Branco para o esquerda.net*

Sobre o/a autor(a):

- Biblioteca
- Agenda
- Jornal Esquerda
- Blogosfera
- Comunidade
- Revista Vírus
- Wikifugas
- Ficha Técnica

Source URL: <http://www.esquerda.net/en/artigo/eu-inventei-web-aqui-estao-tres-coisas-mudar-para-salvamos/48075>

Links:

- [1] <http://time.com/21039/tim-berners-lee-web-proposal-at-25/>
- [2] <http://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/news/investigatory-powers-bill-snoopers-charter-passed-royal-assent-spying-surveillance-a7445276.html>
- [3] https://en.wikipedia.org/wiki/Zone_9_bloggers
- [4] <http://www.bbc.com/news/uk-34529237>
- [5] https://motherboard.vice.com/en_us/article/chilling-effect-of-mass-surveillance-is-silencing-dissent-online-study-says
- [6] http://www.cjr.org/analysis/facebook_and_media.php
- [7] <https://www.nytimes.com/2016/11/20/business/media/how-fake-news-spreads.html>
- [8] <https://scout.ai/story/the-rise-of-the-weaponized-ai-propaganda-machine>
- [9] <https://www.theguardian.com/technology/2016/dec/04/google-democracy-truth-internet-search-facebook>
- [10] <https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-10-27/inside-the-trump-bunker-with-12-days-to-go>
- [11] <https://solid.mit.edu/>
- [12] <https://www.ft.com/content/f847f522-c761-11e6-8f29-9445cac8966f>
- [13] <https://techcrunch.com/2017/01/16/facebook-takes-its-fake-news-fight-to-germany/>
- [14] <http://www.fatml.org/resources/principles-for-accountable-algorithms>
- [15] <https://sunlightfoundation.com/2015/11/10/everything-you-need-to-know-about-political-ads/>
- [16] <http://webfoundation.org/2017/02/delivering-digital-equality-the-web-foundations-2017-2022-strategy/>
- [17] <https://www.w3.org/>
- [18] https://www.w3.org/wiki/Open_Web_Platform
- [19] <https://www.w3.org/WAI/>
- [20] <https://www.w3.org/Security/>
- [21] <http://dailypost.ng/2016/05/17/breaking-senate-withdraws-anti-social-media-bill/>
- [22] <http://pulse.ng/tech/bringbackourinternet-day-30-of-internet-shutdown-in-cameroon-id6228845.html>
- [23] <https://www.theguardian.com/technology/2017/mar/11/tim-berners-lee-web-inventor-save-internet>
- [24] <http://outraspalavras.net/destaques/tres-medos-que-povoam-a-internet-e-tres-saidas/>